



O Uso de Encontros de Comunicação Para Estabelecimento de “Redes” e o Debate Midiático: Uma Análise do I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal¹

André Araújo da SILVA²

Juliana Bulhões Alberto DANTAS³

Juciano de Sousa LACERDA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O presente trabalho almeja refletir sobre a extensão universitária como forma de ampliar o saber acadêmico, fazendo uma análise das ações praticadas pelo projeto de ação acadêmica associada “Convergência Digital no cotidiano das práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN”. Como resultado das ações do projeto, citamos e analisamos o 1º Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal, que aconteceu em novembro de 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como forma de estabelecer “redes” e promover o debate midiático.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação para a cidadania; Debate midiático; Tecnologias digitais; Redes de interação.

INTRODUÇÃO

Durante a vivência do cotidiano acadêmico muitas áreas de atuação permanecem inexploradas, muito embora a Universidade seja considerada o *locus* do saber. Impõe-se assim, a aula como o espaço majoritário do conhecimento e vivência entre docentes e

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluno responsável pelo trabalho e estudante do 1º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo. E-mail: andre_ph_araujo@hotmail.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV. E-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com

⁴ Prof. Adjunto do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Estudos da Mídia da UFRN. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Pragma – Pragmática da Comunicação e da Mídia (UFRN/CNPq). Coordenador do Projeto Convergência Digital no cotidiano das práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN, financiado pela Propesq/Proex/Prograd-UFRN, e-mail: juciano@cchla.ufrn.br



discentes. Bezerra defende que a extensão universitária “nem sempre proporciona uma troca real” (BEZERRA, 2008, p. 1) de saberes com a sociedade.

Logo, Rubim defende que para haver uma integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, faz-se necessário a incorporação

além da "tradicional" sala de aula (cada vez mais qualificada): disciplinas realizadas tutorialmente; estudos orientados; oficinas com produtos laboratoriais obrigatórios para a publicização dos trabalhos, simulação do exercício profissional e experimentação; debates e conferências periódicas e abertas, objetivando uma interação intensa com as multifacetadas vozes e visões sociais e com as temáticas inscritas em relevância na atualidade etc. (RUBIM, 1996, p. 47 *apud* BEZERRA, 2008, p. 2)

Assim, o projeto de ação acadêmica associada “Convergência Digital no cotidiano das práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN” objetiva atuar como extensão universitária, entendendo por tal como “um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (NOGUEIRA, 2000, p. 11).

O projeto está vinculado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tem financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e é coordenado pelo Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda, do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (PRAGMA /UFRN /PROPESQ),

No contexto da comunicação regional e da relação local-global dos estudos midiáticos, a Ação Acadêmica Associada foi proposta como estratégia para investigar as lógicas e práticas solidárias de convergência digital, desenvolvidas por agentes produtores de comunicação comunitária e informação local de caráter alternativo, na Região Metropolitana de Natal-RN (RMNatal).

Interessa-nos identificar apropriações dos processos de convergência digital, no contexto das condições de produção e circulação dos produtos midiáticos comunitários e alternativos aos conteúdos difundidos pelas grandes redes de mídia e suas associadas



locais, tendo em vista mapear as estratégias e táticas de uso híbrido de tecnologias de comunicação digitais e analógicas.

Com o processo de convergência midiática, pelo processo de digitalização, a internet se tornou uma incubadora de mídias (LEMOS, 2003). Estamos diante de um novo sistema midiático que engloba todas as formas de comunicação humana em um formato digital (PAVLIK, 2005). Ou seja, uma espécie de ecologia em rede (PISCITELLI, 2005) com forte caráter midiático-comunicacional, com proeminência das plataformas de mídias sociais (SPYER, 2007), softwares gestados para internet, em que as pessoas se comunicam, acessam informações, compartilham experiências e opiniões no ambiente digital.

O conceito de “rede” na sociedade tornou-se mais abrangente com a popularização da internet. Associada às redes de televisão, os defensores da internet a enxergam como uma oposição ao modelo televisivo. “As redes de computadores, por outro lado, formam uma treliça de processadores heterogêneos, todos eles podendo atuar como fontes e como escoadouros” (Negroponte, 2000: 172).

A discussão sobre “redes”, segundo Potiguar Júnior, “vem tomando espaço significativo nas reflexões sobre as ações coletivas e individuais”, principalmente no que diz respeito as que visam ações de caráter contra hegemônico⁵ a uma determinada realidade. (POTIGUAR JÚNIOR, 2007, p. 531) No Brasil, a terminologia “rede” “aparece de forma mais complexa pela sociedade, tendo como fio condutor o processo urbano e de integração onde a geografia e o território não são desconsiderados nessas reflexões”. (POTIGUAR JÚNIOR, 2007, p. 532)

É importante salientar que, ao observarmos a realidade em rede, implica refletir a implicação que cada um produz em cada ligação em curso. Todo ser é um ser em conexão com outros seres. A nova estrutura social dominante é a *sociedade rede*⁶, termo utilizado por Castells.

⁵Sobre contra-hegemonia, ver Boaventura Santos 2002.

⁶Sobre sociedade rede, ver Manuel Castells 1999.



Antes de analisarmos as ações do Projeto Convergência Digital, através do I Encontro de Comunicação, faz-se necessário refletirmos sobre “redes” para, assim, obtermos o máximo de proveito da análise do evento aqui exposto.

REDES – UMA BREVE REFLEXÃO

A sociedade, nos vários campos do conhecimento, em cada fase histórica, foi comparada a um tecido *orgânico* de múltiplas redes materiais que se entrecruzam: vias de comunicação, canais, pontes, estradas, transporte ferroviário, telégrafo. Na metade do Século XX, a sociedade contemporânea viu potencializar-se essa noção “orgânica”, só que entretecida, cada vez mais, por objetos altamente desenvolvidos tecnologicamente: cabos de fibra ótica, redes telefônicas e emissões eletromagnéticas, transportando informações audiovisuais, táteis e olfativas *digitalizadas*.

Decorre que temos a impressão de que as malhas dessa rede nos envolvem como um útero. Tudo parece indicar que estamos diante de um novo sistema:

“caracterizado pela integração de diferentes veículos de comunicação e seu potencial interativo. (...) Estende o âmbito da comunicação eletrônica para todo o domínio da vida: de casa a trabalho, de escolas a hospitais, de entretenimento a viagens”. (CASTELSS, 2000a, p.387)

As redes de comunicação digital podem não só envolver o mundo de nossas práticas sociocomunicacionais, mas tornar-se, como diz Lucien Sfez, um “quadro simbólico que pouco a pouco se interiorizará, a ponto de não mais ser percebido como filtro, ou como meio de conhecimento entre outros” (SFEZ, 1994, p. 13). E o que acabaríamos percebendo é que, em meio a tanto aparato tecnológico, “esquecemos o que significa comunicar” (SFEZ, 1994, p.48).

No cenário atual, os apocalípticos decretam o possível fim da experiência humana da comunicação, da interação social com o advento dessas novas tecnologias de informação e comunicação com base digital. Os otimistas constroem novas utopias da “*associação universal*” sobre as potencialidades dessas tecnologias.



Em nossa busca, não queremos cair em nenhum desses extremos, mas dialogar com a contribuição dessas posturas. E vemos como uma possível perspectiva a observação da realidade nas ações comunicativas de pessoas que interagem em redes de comunicação digital. E diante de um “potencial alienante da midiatização digital de um número cada vez maior de atividades” (FRAGOSO, 2001a, p. 2) dos sujeitos e grupos socioculturais, colocamo-nos diante do desafio de compreender que “estamos no mundo, somos parte integrante do sistema que nos faz, assim como nós o fazemos”. (SFEZ, 1994, p. 49)

A transposição da noção de rede para a comunicação e para a informática, as possibilidades e limites gerados com a comunicação digital são fatos que nos desafiam a sair do campo da especulação e a formular questões e buscar respostas – ou novas questões, quem sabe? – a partir do olhar focal sobre o campo das práticas socioculturais.

Um primeiro passo é perceber que a forma de interagir em rede que caracteriza redes de solidariedade social antecedeu o formato das redes digitais, pois o conceito, antes de ser aplicado às tecnologias digitais, já havia sido apropriado, por exemplo, pelo campo da organização social, pelo desenvolvimento urbano e pelas estratégias militares. As tecnologias digitais vêm, assim, mediar, potencializar e provocar alterações nas interações entre os diversos nós, distanciados no tempo e no espaço, que compõem as redes de solidariedade social (de pessoas, de grupos, de ONGs, de profissionais etc.).

Esse papel de conectar, juntar e aproximar contextos distintos já era desempenhado por outros modos de comunicação: os fóruns, debates, encontros presenciais; o telefone; a carta e o fax, para citar alguns. O digital vem sendo incorporado por essas redes de comunicação de solidariedade social, gerando significações sobre seu sentido e, ao mesmo tempo, provocando uma redefinição dos modos de comunicação já culturalmente estabelecidos nessas redes.

O conceito de rede, um dos temas centrais da comunicação,⁷ é definido por Lucien Sfez como uma das “tecnologias do espírito”, que se impõe a todos e circula em todos os meios, podendo “designar situações tão banais quando a constituição de uma

⁷ Sobre tema, ver Armand Mattelart. *A invenção da comunicação*. 1994.



agenda de endereços, um complexo de relações, uma reunião de filiais de empresas, a distribuição da edição ou do combustível e até a teia de aranha da máfia” (SFEZ, 1999, p. 123).

O fato de ter sua origem relacionada à imagem do corpo humano fez com que o conceito transitasse facilmente entre as muitas disciplinas das ciências naturais e humanas, com diversos tipos de apropriações. Da renda, arte (técnica), o conceito foi transplantado para o organismo (circulação, veias e artérias) e para a sociedade – pela “Fisiologia Social” de Claude Henri de Saint-Simon – cuja saúde e desenvolvimento estariam ligados diretamente à qualidade de sua capilaridade e organização em redes *materiais* de linhas de transporte e comunicação – canais, vias, ferrovias, telégrafo – e redes *espirituais* – bancos, sistema financeiro e ideias.⁸

Na França dos séculos XVII e XVIII constitui-se o problema em torno das vias de comunicação, da vinculação dos territórios à formação de um espaço nacional. Para fortalecer um mercado interno, era necessário melhorar as formas de transportar pessoas, bens e informações. Esboçavam-se os contornos de uma *sociedade de fluxo*, representada por uma racionalidade e uma ação construídas a partir das metáforas do *organismo* e do *mecanismo*, “do ser vivo e da máquina (...) mobilizadas pelo pensamento econômico e político” (SFEZ, 1999, p. 17). Nessa busca estratégica por novos modos de regulação da organização da sociedade, é no campo da política e da administração que são desenvolvidos projetos e obras que possibilitam a constituição de *redes de navegação*, a construção de pontes e de uma *rede viária*.

Durante o século XIX, são as estratégias e os modos militares de organização que vão se apropriar e desenvolver a *rede de comunicação telegráfica* e os “caminhos-de-ferro”, a *rede ferroviária*. Somente depois de 1860 é que o significado de *rede*, como “*entretencimento de objetos dispostos em linhas*”,⁹ fixar-se-á aplicado fundamentalmente a estas tecnologias. Antes disso, em 1825, o termo *rede* já havia sido homologado pela

⁸ Armand Mattelart. *op. cit.* 1994.

⁹ “No Grand dictionnaire universel du XIX^e, iniciado em 1865 sob a direção de Pierre Larousse, a *rede* tornar-se-á ‘o entretencimento de objetos dispostos em linhas’, e o termo aplicar-se-á fundamentalmente aos caminhos de ferro, às estradas e aos canais como ao telégrafo. Este significado fixa-se a partir de 1849”. Armand Mattelart. *op. cit.* 1994.



engenharia militar, “para designar o dispositivo que articula as fortificações, as galerias subterrâneas e as vias de comunicação” (MATTELART, 1994, p. 79).

A engenharia urbana moderna incorporou a ideia de circulação, de fluxo, ao planejar as cidades na perspectiva de redes, com a abertura de vias calçadas. O pensamento antropológico voltou-se para os núcleos urbanos e vem desenvolvendo uma proposta de “análise de rede”, desde os anos 50, na investigação sobre o fenômeno das sociedades complexas, buscando mapear – na forma de nós, linhas interconectadas, *redes de tecido aberto/fechado* – os agrupamentos e cadeias de interação produzidos na vida social. Ulf Hannerz, em sua “exploração da cidade”, faz a revisão dessa proposta teórico-metodológica, propondo um “pensar em redes” como modo de observar a cidade, que ele define como a “rede das redes”.¹⁰

No cenário da evolução das tecnologias de comunicação, vimos surgir e se desenvolver redes de telégrafos, de telefonia, de rádio, de televisão e de satélites. O desenvolvimento das modernas tecnologias de comunicação e informação digitais, nos últimos 30 anos, confirmou a aceleração do transporte de dados (informações, capitais, bens e serviços) e os tornou ainda mais “espirituais” do que os próprios saint-simonistas imaginaram. A ideologia que marca a contemporaneidade é a da “compressão das temporalidades e das espacialidades” (HARVEY, 1992, p. 234), o apogeu de um tempo e um espaço mundiais, consolidados pelas redes de transmissão digital, cuja picada – sincronização dos tempos mundiais e fim das barreiras geográficas – já havia sido aberta pelos caminhos-de-ferro.¹¹

SOBRE O MAPEAMENTO

O Projeto Convergência fez o levantamento de um total de 94 projetos de comunicação comunitária/alternativa, telecentros e pontos de cultura entre outros, localizados nos municípios de Natal, Parnamirim, Macaíba, São José de Mipibu, Ceará Mirim, São Gonçalo do Amarante e Nísia Floresta.

¹⁰ Sobre tema, ver Ulf Hannerz. “Pensar em redes”. In: ____ *Exploración de la ciudad*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1986. pp. 188ss. Curiosamente, esse título de “rede das redes” é atribuído hoje à Internet. Cf. Paul Virilio. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

¹¹ Armand Mattelart. *op. cit.* 1994. p.79.



Destes 94 projetos do levantamento, foi feito um recorte empírico sistematizado com 20 organizações que confirmaram participação na pesquisa. São eles: Cine Paredão (Alecrim/Natal); Jornal Canto do Jaraguá (Felipe Camarão/Natal); jornal O Clarim (Natal); Rádio Comunitária Santana FM (Zona Norte/Natal); Projeto SOS Ponta Negra (Ponta Negra/Natal); Projeto Vozes da Vila (Ponta Negra/Natal); Grupo de teatro Facetas, Mutretas e Outras Histórias (Ponto de Cultura Rebulição no Espaço Tecesol/Pirangi/Natal); projeto Agência Fotec (UFRN/Natal); Sociedade Terra Viva/blog “O Mibipuense” (S. José de Mipibu/RMN); Rede de Comunicadores da Arquidiocese de Natal (Natal); Revista Viração – Núcleo Potiguar (Natal); Revista digital Catorze (Natal); Projeto Caminhos, Comunicação e Cultura (Natal); Jornal Fala Mãe Luiza (Mãe Luiza/Natal); Cineclube Natal (Petrópolis/Natal); Coletivo Foque de Comunicação (Natal); Rádio Comunitária Melancia FM (Comunidade Quilombola Acauã/Poço Branco/RMN); Centro de Cultura Vila de Ponta Negra (Ponta Negra/Natal); Cine Clube do Pium (Ong Movaci/Pium/Parnamirim/RMN); e Telecentros Comunitários (Semas/Prefeitura de Natal).

SOBRE O ENCONTRO

O I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa, foi realizado no auditório do Laboratório de Comunicação (Labcom), na UFRN, no dia 11 de novembro de 2010, com uma conferência do prof. Dr. Bruno Fuser (UFJF) sobre o tema “Comunicação Comunitária, Alternativa e Cidadã em tempos de convergência digital”. Foi realizada a mesa-redonda "Os caminhos da Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal", com a mediação de Iano Flávio Maia, do Coletivo Intervezes e mestrando do PPgEM-UFRN.

O objetivo do evento foi promover um diálogo sobre os temas em questão (comunicação comunitária e alternativa) entre estudantes do curso e as experiências da área mapeadas na região metropolitana de Natal, estabelecendo, assim, uma rede de interação social, contrapondo o pensamento de muitos apocalípticos, que defendem um



possível fim desse tipo de experiência comunicacional com o advento da digitalização. Logo, o Encontro parte do virtual para o atual¹².

Castells, afirma que a “comunicação *on-line* incentiva discussões desinibidas, permitindo assim a sinceridade. O preço, porém, é o alto índice de mortalidade das amizades *on-line*, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique na desconexão – eterna.” (CASTELLS, 199, P. 445), todavia, o I Encontro mostra-se como uma forma de minimizar esse efeito da desconexão, uma vez que todos estão de corpo presente em um mesmo local, discutindo temas de interesse comum, caracterizando uma “rede”, possibilitando uma maior interatividade entre os sujeitos, não excluindo, pois, a possibilidade de uma extensão da comunicação, do debate midiático, via computadores, a posteriori.

A polissemia do termo nos obriga a ter uma reflexão de seu significado no passado, quando era utilizado para designar fios entrelaçados até chegarmos a conceitos atuais de organização social. Vários são os nós existentes em uma rede, a começar pelo encontro com o outro, com a alteridade, com a qualidade do que é o outro. Cada um possui sua singularidade, ao mesmo tempo em que esta singularidade está inserida no mundo.

Vivemos em complexas e extensas redes de relacionamentos sociais que se encontram em constante movimento, nos colocando, pois, em permanentes processos de redefinições, tanto individuais quanto coletivas. Ao nos encontrarmos com o outro, através dos encontros de comunicação, por exemplo, estamos de imediato entrando em contato com redes de relações que se fazem e refazem constantemente.

Participaram do evento: Rádio Santana (Suzana Lúcia); Revista Viração (Alessandro Muniz); Revista Catorze (Ramon Ribeiro); Site do Projeto SOS Ponta Negra (Yuno Silva); Cine Paredão – Bairro Alecrim (Lula Borges); Caminhos, Comunicação e Cultura – Produção Audiovisual (Alexandre Santos); Jornal O Canto do Jaraguá (Rudenilson Cândido); Grupo de Teatro Facetas e Mutretas (Rodrigo Bico).

¹²Pierre Lévy, em “O que é virtual?”, diferencia o virtual do atual, afirmando que o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe. Pierre Lévy, 2009.



Promovemos o Painel 1 – Comunicação Comunitária e Alternativa Impressa e Digital: com Jornal Mãe Luiza (Socorro Veloso); Jornal O Clarim (Valdilene Farias); Sociedade Terra Viva (Perceval Carvalho); Site de jornalismo alternativo Foque (Rogério Marques). O Painel 2 – Comunicação Comunitária e Alternativa no Rádio: com Comunitária Executiva FM, Nísia Floresta (Jean Carlos de Oliveira); Comunitária Eldorado dos Carajás FM, Macaíba (João Marques); Comunitária Melancia FM (Margarida Ozaneide).

E o Painel 3 – Outra Comunicação é Possível: com a Rede de Comunicadores da Arquidiocese de Natal (Cacilda Medeiros); Associação Comunitária Cultural Amigos da C.C.P, Ponto de Cultura Nair Mesquita, Macaíba (Josafá Fernandes); Vozes da Vila (Joanisa Prates); FOTEC – Agência (Foto)Jornalismo Experimental da UFRN (Itamar Nobre). Por fim, realizamos o Painel 4 – Alternativas de Cinema: com o Cineclube Ponto de Cultura Pium, Parnamirim (Eso Alencar); Cineclube Centro de Cultura de Vila de Ponta Negra (Maíra Leal); Cineclube Natal (Pedro Fiuza).

Como produto final do evento, está sendo desenvolvido um livro colaborativo, com artigos científicos e relatos de experiências dos projetos que fizeram parte do I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa. O livro é organizado pelo Prof. Dr. Juciano de S. Lacerda e pelos mestrandos Iano Flávio Maia e Helton Macedo, do PPGEM, com artigos dos bolsistas de extensão e pesquisa e autores convidados, a exemplo do prof. Bruno Fuser e da profa. Maria Cristina Mata, do CEA, da Universidade Nacional de Córdoba (Argentina). A produção será no formato de e-book (livro digital) em licença commons, para garantir a gratuidade do acesso ao material a qualquer pessoa. A previsão é que seja lançado durante a realização do II Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa, previsto para o 2º semestre de 2011.

Além da previsão de lançar o segundo Encontro esse ano, vários foram os momentos em que os grupos participantes do Projeto e do primeiro Encontro se reuniram para debater temas de interesse comum e oferecer oficinas para outros grupos. No entanto, o estabelecimento de redes presenciais torna-se um tanto complicada por diversos fatores, dentre os quais podemos citar a dificuldade de se estabelecer uma data e horário no qual todos estivessem com disponibilidade, além da carência de transportes públicos que possibilitam o acesso ao Campus Universitário da UFRN – local onde normalmente esses encontros acontecem – inviabilizando muitas das tentativas de se



estabelecer essa rede. Contudo, o Projeto Convergência Digital vem conseguindo articular de forma bastante satisfatória esses encontros com os grupos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Encontro contou com as inscrições de cerca de 150 pessoas, entre estudantes de Comunicação da UFRN e de outros cursos, participantes dos projetos externos que se enquadram em comunicação comunitária ou alternativa, professores e interessados no tema. Foi um momento para compartilhar conhecimentos entre os projetos.

Esse envolvimento possibilitou que os participantes conhecessem na prática comunicativa que “uma outra comunicação é possível”, ou seja, que há possibilidade de desenvolver projetos e ações de comunicação para além do espaço tradicional de mercado da grande imprensa e das emissoras comerciais de rádio e televisão. É uma dimensão necessária em tempos de convergência e digitalização das práticas sociais comunicacionais e midiáticas, em que os profissionais da comunicação não são mais os mediadores oficiais e autorizados dos discursos da arena pública. Essas vivências serão fundamentais para renovar os currículos e projetos pedagógicos de nossos cursos, até agora focados para formar profissionais para o mercado tradicional de mídia.

As 20 organizações participantes foram as protagonistas do evento e puderam dialogar com o convidado externo, prof. Bruno Fuser (UFJF), além de socializar seus conhecimentos, suas vivências, dificuldades e possibilidades de sobrevivência para outros pares, além de estudantes de comunicação que superlotaram o auditório do Labcom, no dia 11 de novembro de 2010. Fora as experiências de cineclube, as demais não se conheciam e não haviam feito parcerias ou intercâmbios. O I Encontro abriu essa possibilidade e acenou para a concretude dos intercâmbios e estabelecimento de “redes” entre esses grupos.

Contudo, a realidade demonstra que não é fácil estabelecer “redes” e as tecnologias digitais, por si, não garantem esses processos de intercâmbio e solidariedade comunicativa, fazendo-se necessário, pois, a vivência interativa através dos encontros de comunicação. Ao mesmo tempo, foi significativo o número de alunos de Comunicação Social que tiveram contato com as falas dos representantes dos projetos



de comunicação alternativa e comunitária e puderam constatar que essa realidade é concreta, viva e atuante, embora, muitas vezes, invisível no âmbito das discussões acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Glícia Maria Pontes; BARRETO, H.M.R. **Diálogos possíveis: a experiência do projeto de extensão Liga Experimental de Comunicação**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luis. Anais eletrônicos... São Luís: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0356-1.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2011.

CASTELLS, Manuel – **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, vol.3, SP: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3ª ed. Paz e Terra, São Paulo: 2000.

FRAGOSO, Suely D.. **Espaço, ciberespaço e hiperespaço**. Mimeo. PPGCOM UNISINOS. 2001a. 16 pp. (Artigo publicado em Revista Textos em comunicação, UFBA, 2001a.)

HANNERZ, Ulf. “**Pensar em redes**”. In: ____ Exploración de la ciudad. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1986. pp. 188ss. Curiosamente, esse título de “rede das redes” é atribuído hoje à Internet. Cf. Paul Virilio. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola: 1992, p. 234.

LEMOS, André. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época**. In: LEMOS, André, 2003.

MATTELART, Armand. **A invenção da comunicação**. Instituto Piaget, Lisboa: 1994.

MORIN, Edgar. **O método 4. As idéias - Habitat, vida, costumes, organização**. Sulina, Porto Alegre: 1998.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Cia. das Letras, São Paulo: 2000.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. (Org.). **Extensão Universitária. Diretrizes conceituais e políticas**. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEXT/UFMG/Fórum, 2000.

PAVLIK, John V. **El periodismo y los nuevos médios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 351 p., 2005.



PISCITELLI, Alejandro. **Internet, la imprenta del siglo XXI**. Barcelona: Gedisa, 188 p., 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. O processo de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SFEZ, Lucien. “**As tecnologias do espírito**”. In Martins, Francisco M., Silva, Juremir Machado da (org.). Para navegar no século XXI - tecnologias do imaginário e cibercultura. EdiPUCRS/Sulina, Porto Alegre: 2000.

SPYER, Juliano. **Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela**. Rio de Janeiro: Zahar, 254 p, 2007.